

NORMAS E INSCRIÇÃO DOS RESUMOS PARA OS GTS - GT-11
(PRESENCIAL): POÉTICAS AMEFRICANAS: ENSINO E QUESTÕES
ÉTNICO-RACIAIS

**POÉTICAS MOÇAMBICANAS: RESISTÊNCIA E CONSTRUÇÃO DE
FUTURO**

Maria Perla Araújo Morais (mariaperlamorais@gmail.com)

Neste trabalho, discutiremos alguns momentos da produção poética moçambicana e sua relação com a construção da resistência colonial e de uma identidade nacional. No final do século XIX, Portugal ocupou efetivamente Moçambique, implantando um sistema colonial racista e violento. A partir da década de 1960, começou a guerra colonial capitaneada por um movimento chamado Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique). Em 1975, Moçambique fica independente de Portugal, mas, logo em seguida, entra em uma guerra civil que se estenderá até 1992. Todos esses momentos históricos aparecem nas produções poéticas moçambicanas mostrando que a poesia esteve em diálogo muito intenso com a resistência à colonização e a construção da independência do país. Na década de 1940, as poesias e textos de Noémia de Sousa (1926-1002) dialogam com o pan-africanismo, enfatizando uma identidade negra e africana. Com Craveirinha (1922-2003), a partir dos anos de 1960, vemos o diálogo com o movimento Negritude celebrando as culturas e etnias endógenas moçambicanas e denunciando a violência colonial. Já no auge da guerra colonial, observamos a poesia de combate com alinhamento ideológico e pedagógica com a Frelimo. Na década de 1980, existe um grupo que se organizou em torno da revista Charrua. Os

escritores da Charrua serão responsáveis por confrontar o projeto político e pedagógico sobre o qual a literatura moçambicana gravitava. Para esse panorama, nos apoiaremos nos seguintes estudiosos da cultura, história e literatura moçambicana: Cabaço (2009); Noa (2015) (2018) e Zamparoni (2012). Nossa reflexão se faz necessária não só para entender as diferentes características das poesias do país africano, mas para que nós, leitores brasileiros, estabeleçamos diálogos afrodiaspóricos. Devido ao nosso racismo estrutural, a cultura e literatura dos países africanos são negligenciados. Esses países surgem, no imaginário brasileiro, seguindo aquela ideia de Hegel de que seriam povos “sem história”, ideia que ajudou a consolidar um olhar colonial e imperial que, através do dispositivo raça, explorou e violentou o povo negro. Ao dialogar com os processos do colonialismo, da resistência, das independências e dos desafios pós-coloniais, as poesias moçambicanas desconstruem visões estereotipadas e dão voz a sujeitos historicamente silenciados.

Palavras-chave: poesia moçambicana; resistência; colonialismo.